

Governo tentará atenuar impactos

BRASÍLIA E RIO – O ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, anunciou ontem que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, vão adotar medidas para diminuir o impacto na economia a ser causado pelos bombardeios dos Estados Unidos no Afeganistão. “Essa ação militar era esperada, mas isso gera incerteza e haverá repercussões no plano econômico. Os mercados devem estar mais nervosos amanhã (*hoje*) do que em um dia normal”, disse Lafer. Questionado sobre que medidas seriam essas, Lafer não quis dar detalhes. “Não é minha área. É competência do ministro da Fazenda e do presidente do BC”.

A ofensiva americana no Afeganistão também terá reflexos nas contas externas e na venda de produtos brasileiros para alguns mercados. Para o ministro da Agricultura, Pratiní de Moraes, a guerra pode representar novas oportunidades para as exportações nacionais para o Oriente Médio. Nos últimos dias, houve aumento de compras de alimentos brasileiros, como frangos e carnes, de países árabes, contou Pratiní de Moraes. O ministro

disse esperar que as exportações brasileiras de alimentos e produtos agrícolas em geral até se beneficiem com a crise. “As pessoas têm que comer e poderão até tender a fazer estoques”, avaliou.

O diretor da Associação Brasileira de Comércio Exterior (AEB), José Augusto de Castro, também previu que as vendas de alimentos para os EUA poderão ser beneficiadas. No entanto, outros produtos, como os siderúrgicos, autopeças e aviões, deverão sofrer impacto negativo. “A economia americana já estava desaquecida e agora deverá dar uma parada estratégica até que haja alguma definição de como será esse confronto”, disse. Para o ministro do Desenvolvimento, Sérgio Amaral, não há razão para crer em repercussões mais extremas. “Eles escolheram os alvos, buscando atingir apenas objetivos militares”. Mas para Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central, o fluxo de recursos estrangeiros poderá diminuir e deverá haver fuga de capitais, por conta da maior cautela dos investidores, e os países emergentes continuarão com dificuldades para financiar seus déficits externos.